Lendas do folclore brasileiro: um estudo com crianças do ensino fundamental

Gisele Maria Costa Souza [1]
Marcela de Almeida Abreu[2]

Resumo: O presente trabalho analisou a percepção na representação do feminino e masculino nas lendas do folclore brasileiro com crianças do 3° ano do primeiro ciclo do ensino fundamental em uma escola pública da Baixada Fluminense localizada no Município de Seropédica do Estado do Rio de Janeiro. Especificamente procurou-se identificar entre personagens masculinos e femininos a percepção da criança nas características e comportamentos socialmente atribuídos às mulheres e aos homens na história. A metodologia baseou-se na contação de histórias, nos desenhos infantis e na mostra de figuras que segundo a visão da criança pudesse representar aquele(a) personagem da lenda contada. A maioria dos resultados apontou para as características de beleza em acordo com o padrão da sociedade do século XXI inspirado no corpo musculoso para homens, e para mulheres cabelos longos. Finalmente, constatou-se que também nas lendas, são reproduzidos padrões sexistas e preenchem tanto o espaço coletivo quanto o particular.

Palavras-chave: Criança. Gênero. Folclore brasileiro

A pesquisa de natureza qualitativa contempla a leitura e a contação de lendas populares do folclore brasileiro (CASCU-

[1] Doutora em Motricidade Infantil pela Universidade Técnica de Lisboa. Professora no Departamento de Economia Doméstica e Hotelaria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

[2] Formada no Curso de Economia Doméstica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Revista Língua & Literatura	Fredererico Westphalen	v. 15	n. 25	p. 127 - 143	Recebido em: 22 out. 2013. Aprovado em: 20 nov. 2013.

DO, 2000) para meninas e meninos entre 8 a 9 anos de uma escola pública no município de Seropédica (RJ). Especificamente objetivou-se registrar como as crianças construíam em seu imaginário, as personagens das lendas após a contação de histórias.

A literatura brasileira é rica e dispõe de inúmeras histórias que podem ser lidas e contadas tanto para crianças quanto para adultos, sobretudo a lenda, pois muitas pessoas afirmam ter vivido na vida real uma destas histórias, assim, a cada dia surgem novas versões em regiões distintas do país, com suas particularidades e heranças étnicas diferenciadas (ZAPPA, 2007). Câmara Cascudo, estudioso do folclore brasileiro, em 1944, publica Antologia do Folclore Brasileiro, obra com estudos na tradição e sabedoria popular da raiz cultural brasileira como também, relatos de viajantes estrangeiros a partir do século XVI.

Segundo Moreira (2006), a história oral é conhecida nas tradições e crenças de um povo, nos valores sociais e familiares, nos jogos e até mesmo nas comidas, portanto, a reprodução dessas histórias provavelmente solidificou determinadas condutas e princípios recorrentes em pleno século XXI. Muitos dos causos de um repertório coletivo são centros da atenção e instigam as mais variadas formas de pensar, julgar e prever. Tais conversas transmitidas de geração em geração, foram transcritas para o papel, desta forma, os compiladores faziam acréscimos ou omissões sobre os relacionamentos e manifestações humanas, a sociedade da época ou vínculos de poder e autoridade.

As histórias eram contadas para o público adulto com abordagem de passagens violentas e obscenas. No séc. XVI Charles Perrault reescreve algumas histórias e retira parte do conteúdo considerado impróprio para crianças, a coletânea foi intitulada "Os contos da Mamãe Gansa". No séc. XVIII, os irmãos Grimm também compilam antigas narrativas e sagas germânicas da memória popular conservadas por tradição oral. No séc. XIX Hans Andersen escreve histórias voltadas para o público infantil e publica A caixa de fósforos (1835), com crítica aos padrões sociais e comportamento humano da época (MATTAR, 2007).

De acordo com Silva (1992, p. 45), a leitura tem três objetivos principais: "compreender a mensagem, compreender-se na mensagem e compreender-se pela mensagem". Por volta de 1980,

o analfabetismo no Brasil foi uma preocupação do ponto de vista educacional, o olhar para os problemas com a leitura, o desenvolvimento e domínio da linguagem, o crescimento do vocabulário e a escrita, foram aspectos para refletir o desenvolvimento da aprendizagem e da leitura como fonte de informação, lazer, realização pessoal e ainda, uma forma relevante de inserção social.

Em relação ao papel da escola nos primeiros anos de vida e o estreitamento com a dimensão lúdica, a literatura deve ser uma atividade diária para construir o conhecimento e identidade pessoal. Nessa perspectiva, algumas considerações necessitam de uma observação refinada, as ilustrações e vocabulário podem ser reconhecidos nos livros reforçando a continuidade de papéis sociais estereotipados, por outro lado, os temas polêmicos como morte, sexualidade, doenças irreversíveis ou terminais são importantes para debates e troca de ideias com outras pessoas do grupo. Consequentemente, é importante observar a compreensão e consistência sobre cada temática, discutir de maneira franca de acordo com o desenvolvimento de cada faixa etária.

Um registro de aproximadamente 3200 anos encontrado entre escritos egípcios antigos em um romance intitulado "Os dois irmãos", indica uma visão da superioridade do homem na tomada de decisão. A mulher aparece como sedutora, traidora e causadora da separação de dois irmãos, no fim da trama os homens a julgam por seus atos e é castigada à morte. Este é um dos muitos textos que revela a formação de um conceito negativo sobre as mulheres, assim como nos textos bíblicos: a mulher enganadora, ardilosa e destruidora versus a mulher sábia e pacífica (FIAMONCINI, 2004).

Contar histórias é uma arte que necessita de conhecimento, aprofundamento e domínio do conteúdo, é um mecanismo para criar o gosto e interesse pela leitura no dia a dia. Segundo Tahan (1963), o contador de histórias deve estar seguro do enredo da história que pretende contar, pois narrar com naturalidade, ter domínio sobre o público, dramatizar com moderação, saber despertar no ouvinte o desejo da escuta, faz acordar a imaginação. A história carrega elementos que leva a pessoa a outro mundo, as aventuras vividas pelos personagens permitem criar e recriar possibilidades sobre como agir diante das mais diversas situações

e pensamentos alternativos.

Ler e contar histórias é instigar os ouvidos e o cérebro a pensar, portanto é essencial criar atividades como fonte de algo prazeroso estimulada tanto pela família como na escola (BREMMAN, 2005).

As crianças participantes divididas em quatro turmas frequentam o 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública: 42 meninas e 50 meninos. Neste artigo, utilizou-se três lendas brasileiras, cada qual com uma característica e singularidade para o personagem masculino e feminino.

A lenda da cobra Honorato diz respeito à gravidez de uma índia com a cobra boiuna e o nascimento do menino Honorato e da menina Maria Caninana. Para esconder a origem da gravidez, a índia abandona as crianças na beira do rio. No rio, as crianças se transformam em serpentes. Maria era má, prejudicava a vida dos pescadores e matava os peixes, já o menino era bom. Um dia, acontece uma briga entre os dois e Honorato mata a irmã. Nas noites de lua cheia, Honorato se transformava em um belo rapaz e saía à procura de alguém com coragem para quebrar aquele encanto (ser serpente). Para o encanto ser quebrado era preciso um homem com muita coragem para derramar um copo de leite de uma mulher parturiente na boca do rapaz e ainda sangrar sua cabeça com vários golpes (BRESSAM, 2001).

A segunda lenda é do lobisomem. Conforme a história, se um casal tiver sete filhas mulheres e o oitavo for homem este será lobisomem, ou se o casal tiver sete filhos homens o último será lobisomem. Ao nascer, a criança "parece" normal, mas ao completar 13 anos a maldição se torna visível. Toda a noite de lua cheia se transforma em meio lobo e meio homem, corre pelos campos a uivar, invade galinheiros, devora animais e pessoas. Antes do amanhecer o lobisomem volta ao lugar de onde partiu e se transforma em um homem comum.

Há quem diga ser possível acabar com essa maldição, mas para isso é preciso acertar-lhe a cabeça com muita força, porém é preciso ter cuidado, se o sangue do lobisomem tocar na pessoa, esta se transformará em lobisomem também. Segundo Blick (2002), um dos sentidos dessa lenda é prevenir a reprodução entre parentes, daí surgem as hipóteses de utilizar este tipo de

história para assustar as pessoas e dessa forma conter os desejos ou impulsos sexuais.

Além de lendas com animais e seres místicos há também a presença de personagens femininas, misteriosas, mulheres poderosas e temidas. Matinta Pereira é a terceira lenda. É uma velha com cabelos grisalhos, em noites de luar se transforma em uma ave assobiando um som estridente capaz de deixar qualquer pessoa desnorteada. Dessa maneira, lhe prometem algo para o outro dia, no dia seguinte a ave se transforma em uma velha e vem cobrar a promessa, caso não aconteça Matinta Pereira se transforma em ave e desaparece com a pessoa.

Para compor o instrumento de observação selecionou-se via internet, imagens de pessoas com traços marcantes de cada personagem com a inclusão de tipos físicos e étnicos distintos. Entre as principais características das personagens se destacam:

Lenda 1: Cobra Grande: Honorato - Serpente, boa índole, em forma humana é um belo rapaz.

Maria: Serpente perversa. Como humana era moça que chamava atenção por sua beleza.

Lenda 2: Lobisomem: geralmente um homem magro e pálido.

Lenda 3: Matinta Pereira: uma velha que só anda vestida de preto com os cabelos caídos no rosto.

A cada encontro com a turma era contada uma lenda. Após a contação, três cartões com imagens de cada personagem eram colocadas à frente da criança e segundo sua visão, pedia-se para apontar quem poderia representar aquele (a) personagem da lenda contada.

- em sua opinião, qual dessas fotos mais se parece com a personagem da lenda contada? (caso seja homem).

- em sua opinião, qual dessas fotos mais se parece com a personagem da lenda contada? (caso seja mulher).

- Porque você escolheu essa foto?

Finalmente, a criança recebia o texto sem imagens de aproximadamente 15 linhas para ler em casa ou na escola e depois contar, recriar outro conto, mudar uma personagem, fazer outro final.

Na lenda 1 há duas personagens: Honorato e Maria. Nas

figuras 1, 2, 3 a imagem de um rapaz representando Honorato. Nas figuras 4, 5, 6 a imagem de uma moça representando Maria.



Figura 1- Homem musculoso

Fonte: Yahoo[3]

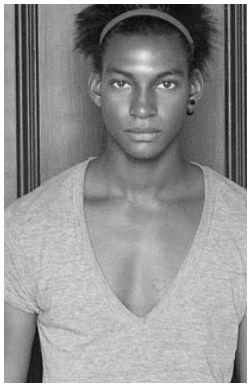

Figura 2- Homem negro

Fonte: Yahoo[4]



Figura 3- Homem branco e magro

Fonte: Yahoo[5]

Na tabela 1 a opinião de meninas e meninos em relação ao personagem Honorato e as imagens apresentadas.

A maioria das meninas escolheu a figura 3 com justificativa do tipo: "*ele é bonito", "ele é forte", "tem sorriso alegre", "parece corajoso", "parece com a cobra"*. Conforme Gama et al. (2009), supõe-se que as feições de menino e rosto angelical fazem parte de um modelo de beleza aprovada na sociedade de modo geral. Para os meninos, os músculos desenvolvidos em evidência e o porte atlético foram critérios decisivos na escolha. As falas foram semelhantes: "*ele é forte", "esse é do bem".*

Tabela 1 - Resultado da percepção das crianças atribuídas ao homem que mais se parece com o personagem Honorato.

Fotos	Opinião das meninas	Opinião dos meninos
Homem musculoso	35%	43,4%
Homem negro	5%	21,9%

[3]Disponível em: <http://fotosdeartistaslindos.blogspot.com/2009/02/modelos-homens.html>

[4]Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u431404.shtml>.

[5]Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/francissullivan/1071646355/>.

Homem branco e magro	60%	34,7%

Fonte: Dados da pesquisa (ABREU, M.; SOUZA, G. 2010).

O século XXI reforça um estilo ideal, determina um corpo com atributos e um vestuário específico para a sociedade se espelhar. Muitos artistas, jogadores e celebridades da mídia contribuem para esse conceito na indústria do *marketing* e estabelece assim um estilo contemporâneo, urbano e vaidoso. A valorização e desejo de um corpo perfeito, não é novidade nas últimas décadas, aliás, essa condição induz muitas pessoas à situações extremas para conseguir o corpo desejado.

Acredita-se ainda que a escolha do rapaz branco e magro sinalize para um valor material associado inclusive à cor, tipo de cabelo e vestuário, valores do mundo capital e de sentimentos insensíveis principalmente para o rapaz negro. Ainda que se apresentem propostas de discussão nos temas transversais, datas comemorativas, esta parece não envolver de fato questões de um povo "de muitas cores". As convicções são de um discurso reprodutivo, preconceituoso e incapaz de formar outra concepção para grande parte de docentes e discentes.

A imagem do homem negro provocou muita conversa entre os meninos, o assunto era que ele parecia ser gay por causa da camisa com gola V e seu cabelo com uma tiara: *"ele parece com índio", "ele é gay por causa do brinco e deste cabelo".* Neste caso, percebe-se que alguns acessórios ou roupas são rotulados "para mulher" e dessa maneira, os estereótipos de gênero são definidos por atributos do tipo cor, trabalho, brinquedo, roupa. Para as meninas " *ele não poderia ser uma cobra, o cabelo dele é ruim*", apenas duas meninas escolheram a figura 2 *"ele tem a cara de Honorato".*



Figura 4- Mulher de cabelos louros e longos
Fonte: Yahoo[6]



Figura 5- Mulher de cabelos castanhos e longos
Fonte: Yahoo[7]



Figura 6- Mulher de cabelos louros e curtos
Fonte: Yahoo[8]

Tabela 2 - Resultado da percepção das crianças atribuídas à mulher que mais se parece com a personagem Maria.

Fotos	Opinião das meninas	Opinião dos meninos
Mulher de cabelos louros e longos	20%	43,4%
Mulher de cabelos castanhos e longos	55%	30,6%
Mulher de cabelos louros e curtos	25%	26%

Fonte: Dados da pesquisa (ABREU, M.; SOUZA, G., 2010).

Em relação à foto da personagem Maria, as meninas escolheram a mulher de cabelos longos e castanhos, roupa vermelha e olhos pintados (figura 5): *"esse é o olhar da maldade"*. Segundo Areu e Kieling (2008), no cinema as mulheres perversas têm seus personagens caracterizados com roupas, cabelos de tons escuros e técnicas de maquiagem para realçar olhos e bocas deixando-as com um ar de maldade, porém sensual.

Com relação a foto da mulher de cabelos louros e longos, as opiniões das meninas foram divergentes: "*cara de má*", *"bonita"*,

[6] Disponível em: <http://www.maringafm.com.br/2008/noticias.php?idnoticia=1119>.
[7] Disponível em: <http://www.tvguide.com/tvshows/americas-model/photos/100032/358>.
8 Disponível em: <http://bijumanias.wordpress.com/2008/04/03/tipos-de-cabelo/>.

"cara de cobra", "a mais feia", "linda". No senso comum, mulheres ditas bonitas, tendem a ser consideradas metidas, são criticadas por sua beleza como se este fosse seu único atributo, isso é recorrente, a ausência de sentimento que não seja a de possuir o que outro tem e não estar satisfeito/a com o que possui.

Em relação à foto da mulher de cabelos castanhos as meninas tiveram as seguintes opiniões: "*rosto da maldade", "roupa vermelha", "bonita com olhos de maldade", "possui um cabelão."* Já os meninos deram opiniões como: "*bonita", "olhar de malvada", "parece uma cobra".*

Com relação a foto da mulher de cabelos louros e curtos, as opiniões das meninas: "é a *mais bonita", "cara de má e feia".* Já a opinião dos meninos: "*pinta de cobra", "má", "fortinha".*

Os meninos em sua maioria apontaram a foto da mulher com cabelos louros e longos alegando: "cara de *metida", "arrogante", "olhar do mal", "mulher lora...hum"* . Percebeu-se que além do rosto, ser loura também é motivo de piada em vários grupos de conversa, situação que revela desrespeito ou desacato como referência a uma pessoa.

Portanto, o cabelo foi o elemento mais atrativo, tanto para situar a bondade quanto a maldade. Segundo Oliveira (2007), em diferentes culturas o uso do cabelo tem diversas funções "... o cabelo contém as características do que é vivo e do que é morto; mesmo morto continua vivo, prestando-se às fantasias de vencer a morte, de vencer as angústias de morte" (p. 136). Associado à sensualidade e ao mesmo tempo à maldade, o cabelo origina de uma tradição cristã quando retorna a história de Eva e Adão, ou seja, a mulher responsável pela existência da maldade e sedução.

Ao contar essa história, as crianças mostraram grande interesse, o tom de suspense e aventura da história cativou as crianças. Outro aspecto interessante - além de ser uma lenda pouco conhecida, as crianças mostravam-se surpresas ao saber da existência de uma cobra tão grande. Como o interesse da turma aumentou consideravelmente, foi colocado à disposição outras informações sobre tipos de cobras, tamanhos, locais que são encontradas na Amazônia.

Na lenda 2, há um personagem principal. Nas figuras 7, 8, 9 a imagem de um rapaz representando o lobisomem.



Figura 7- Homem magro e negro
Fonte: Yahoo[9]

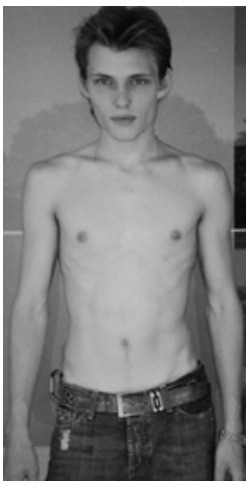

Figura 8 – Homem sem camisa
Fonte: Yahoo[10]



Figura 9 - Homem pálido
Fonte: Yahoo[11]

Tabela 3 - Resultado da percepção das crianças atribuídas ao homem que mais se parece com o lobisomem.

Fotos	Opinião das meninas	Opinião dos meninos
Homem magro e negro	25%	69,4%
Homem sem camisa	25%	15,3%
Homem pálido e magro	50%	15,3%

Fonte: Dados da pesquisa (ABREU, M.; SOUZA, G., 2010).

A lenda do lobisomem é europeia, entretanto no Brasil varia de região para região. Em alguns locais: o lobisomem ataca crianças sem o batismo; o lobisomem se transforma na lua cheia, o lobisomem deve chegar a um cemitério antes do amanhecer. No imaginário construído é de um ser peludo, com cara de mal,

[9] Disponível em: <http://www.descolex.com/2008/02/e-culpa-do-slimane/>.

[10] Disponível em: <http://meufashioneesse.blogspot.com/2008_03_01_archive.html>.

[11] Disponível em: <http://browg.blogspot.com/2008/11/o-homem-mais-magro-do-mundo.html>.

unhas enormes e comedor de gente. Neste trabalho, a imagem do lobo mal da história de chapeuzinho vermelho aparece na entrevista a ponto de confundir algumas crianças.

Na tabela 3, observa-se que a maioria das meninas aponta o homem pálido e magro (figura 9) como o lobisomem, entretanto há divergências nas respostas: *"feio", "bonito", "é chique ter franja na cara", "metido", "a boca é comprida", "tem nariz grande", "o jeito de andar se parece com o lobisomem"*. Para os meninos: "*é a foto mais bonita", "tá se achando", "parece com o Michael Jackson"*.

Com relação ao homem sem camisa (figura 8) as respostas das meninas: "*é branco demais", "muito magrela", "tem orelha grande", "acho bonito", "tem cara de mal", "tem olhos de lobisomem", "o cabelo é de lobisomem"*. Os meninos disseram: "*ele parece ter 13 anos", "o lobisomem fica sem camisa", "por causa do cabelo que esconde a cara"*.

A maioria dos meninos escolheu a foto do homem magro e negro (figura 7)*: "esse porque é muito magro", "porque ele é muito velho", "ele é esquisito", "tem cara de mal", "parece maluco", "é feio", "tá pele e osso", "tem olho de sapo", "tem boca de coruja", "a unha é grande", "está com roupa suja e rasgada", "é negro"*. As meninas também usaram termos ofensivos para caracterizar a escolha: *"ridículo", "feio", "velho", "tem orelhas grandes", "parecido com o lobo", "tem nariz grande", "gente preta é má"*, "*preto fede*" .

Nessa perspectiva, constata-se que o preconceito contra negros é uma realidade em muitos grupos sociais com generalizações e atributos discriminatórios como: bandido, ladrão, bêbado, traficante. Um aspecto a observar é uma estreita relação entre velho/ feio/negro na figura 7. Essas imagens possivelmente formam um conjunto de condições construídas em grupos socializadores na qual a relação desumana entre branco/negro é senhor/escravo, na aceitação de maus tratos e desrespeito. Ressalta-se a necessidade de maior atenção à temática do negro e um trabalho pedagógico comprometido com questões pontuais de valores, conceitos e respeito pelas pessoas, inclusive entre os próprios negros.

Na lenda 3, há uma personagem principal. Nas figuras 10, 11, 12 a imagem de uma senhora de idade representando a Matinta Pereira.



Figura 10 - Imagem da mulher em silhueta
Fonte: Yahoo[12]



Figura 11- Imagem da mulher branca idosa
Fonte: Yahoo[13]



Figura 12- Imagem da mulher negra idosa
Fonte: Yahoo[14]

Tabela 4 - Resultado da percepção das crianças atribuídas à mulher que mais se parece com a Matinta Pereira.

Fotos	Opinião das meninas	Opinião dos meninos
Mulher em silhueta	63,1%	32,1%
Mulher branca idosa	5,4%	53,7%
Mulher negra idosa	31,5%	14,2%

Fonte: Dados da pesquisa (ABREU, M.; SOUZA, G., 2010).

Na tabela 4, observa-se a maioria das meninas escolheu a figura 10, alegando ser *"magrinha", "parece que está indo para as trevas", "ela dá arrepio*". Para os meninos a Matinta Pereira deve se parecer com a mulher branca idosa (figura 11): *"ela é feia", "é muito velha", "o cabelo é embolado", "tem cara de má", "tem cara enrugada".*

[12] Disponível em: <http://img.olhares.com/data/big/185/1851579.jpg>.
[13] Disponível em: <http://sentimentosemimagens.blogs.sapo.pt>.
[14] Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/34964502@N00/163426138/>.

Nas considerações de Fiamoncini (2004), a mulher é exaltada ou condenada segundo os interesses masculinos ou do poder reinante. Quando os atributos femininos são utilizados para lhes trazer qualquer espécie de benefício, são aceitos e totalmente justificáveis. Porém, a mulher é má quando usada contra eles, isso leva a refletir sobre a ambivalência do bem e do mal na construção dos mitos femininos. De acordo com Senna (2008), a beleza da mulher está relacionada à saúde e juventude e o século XXI chega com a supervalorização do corpo feminino e masculino. A terceira idade também ganha novo olhar está mais ativa, busca lazer, mas uma pessoa idosa ainda sofre com estereótipos de ser feia por causa das rugas, do corpo e até na voz.

Na sociedade patriarcal, quando as mulheres usavam do poder ou se aliavam a certo tipo de força que o homem não conseguia reprimir, essas mulheres sofriam uma punição. Essa imagem de poder foi relacionada no cristianismo à imagem da bruxa e às mulheres devoradoras e perversas que comiam crianças. Além disso, a bruxa tanto podia ser uma mulher jovem sedutora como uma velha rabugenta (ZORDAN, 2005).

Em Oliveira (2007), os cabelos atrapalhados e principalmente cabelos brancos, são considerados nos valores vigentes como feios, descuidado e revelam desespero, falta de tempo para si mesmo, ou seja a importância para a imagem de alguém na maturidade é manter a lógica de mercado. Comprar tintas, pagar caro nos salões de beleza, submeter-se ás técnicas e tratamentos agressivos.

Para Bandura (1977), grande parte das respostas sociais é adquirida nas indicações fornecidas por modelos, as quais vão se manifestar, dependendo das condições do reforço no ambiente. No caso da criança, ela pode aprender com pessoas da família, com colegas, na mídia, além da própria experiência direta.

Conclui-se que meninos e meninas fizeram suas escolhas baseadas principalmente na beleza do rosto e corpo das pessoas; o feio e o bonito sugerem uma qualidade. Foi possível perceber a aceitação da imagem masculina, provavelmente influenciada pela mídia, exibida aqui com zelo na aparência e algumas com sensualidade. No que diz respeito às opiniões coletadas, verificou-se também grande identificação com o meio social, a família, a

vizinhança e a igreja neste caso, agentes socializadores predominantes.

Nessa mesma linha de raciocínio, a prática cotidiana precisa estar em sintonia com a teoria do "nosso tempo atual". A coordenação da escola pode fomentar cursos de atualização profissional para toda a equipe de trabalho, criar elos com pesquisador (a) na intenção de valorizar a literatura infantil do folclore brasileiro junto à criança, trocar informações e ainda atentar e intervir para as diferentes reproduções em torno da questão mulher/homem no contexto escolar.

Com essa perspectiva, a leitura e a contação de história se transforma em um mecanismo capaz de atenuar a desigualdade social. Acredita-se que uma das maneiras para reverter esta situação seja incentivar a contação de histórias e a leitura desde os primeiros anos de vida distribuindo essa responsabilidade tanto para a família quanto para a escola. Desta maneira espera-se contribuir para a construção de pessoas mais críticas, reflexivas, independentes e preparadas para novos desafios.

Folklore legends of brazilian: a study of elementary education with children

Abstract This study examined the perception of feminine and masculine representation in legends of the Brazilian folklore with children of third grade of first cycle a public school located in the Baixada Fluminense located in Seropédica city of Rio de Janeiro. Specifically searched to identify between masculine and feminine characters in children's perception on the characteristics and behaviors socially assigned to women and men in history. The methodology was based on storytelling, children's drawings and show to kids figures that could in their view represent that character of the legend told. Most of the results pointed to the characteristics of beauty standard with century XXI society, inspired by muscular body for men, and long hair for woman's.

Finally, revealed that, even in the legends, are reproduced sexist standards and are present in collective space and individual space.

Keywords: Children. Gender. Brazilian folklores.

Referências

ABREU, Marcela; SOUZA, Gisele. A percepção infantil do feminino e do masculino nas lendas do folclore brasileiro: um estudo com crianças do no 3° ano do 1° ciclo. *Relatório de Pesquisa*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2010.

AREU, Graciela; KIELLING, Bruno. A 'mulher-sedutora' construída pela linguagem cinematográfica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. *Corpo, violência e poder*, 2008.

BANDURA, Albert. *Social learning theory*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1977.

BLICK, Guilherme. *Uma pesquisa sobre o imaginário da fronteira*: mitos na região de Santo Antônio do sudoeste (Brasil) e San Antonio (Argentina). Outubro 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300027&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 19 set. 2008.

BRENMAN, Ilan. *Através da vidraça da escola*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BRESSAN, Luiza. "Cobra Norato", uma investida modernista na (re)criação da linguagem. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 62, jan./jun. 2001.

CASCUDO, CÂMARA. *Lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

FIAMONCINI, Mazilda. *A face da bruxa sem lado esquerdo*.

2004. Dissertação (Mestrado em ciências da linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/70569_Mazilda.pdf> Acesso em: 02 ago. 2007.

GAMA, Cláudio; GAMA, Gláucio; BERRIEL, Rocindes; RIBEIRO, Juliana. Mídia e moda o poder de modelar. *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade*: Composição e desafios para formação docente. Rio Grande: FURG, 2009.

MATTAR, Regina. *Os contos de fadas e suas implicações na infância*. 2007. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP Faculdade de Ciências – Câmpus de Bauru. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Regina%20-%20Final.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2008.

MOREIRA, Isabel. Contos da tradição oral: estudo informático-lexical e simbólico. *Forma Breve*, n. 4, p. 393-413, 2006. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/299/265>. Acesso em: 22 mar. 2009.

OLIVEIRA, Marina. Cabelos: da etologia ao imaginário. *Rev. bras. Psicanál.* São Paulo , v. 41, n. 3, p. 135-151, set. 2007 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2011.

SENNA, Nádia. Donas da beleza madura. In: FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *História das aparências e pedagogias de gênero...* Florianópolis: [s.n.], 2008. Não paginado. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st43.html>. Acesso em: 08 dez. 2009.

SILVA, Ezequiel . *O Ato de ler*: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

TAHAN, Malba. *Minha vida querida.* 14. ed. Rio de Janeiro. Ed. conquista. 1963.

ZAPPA, Polyana. Branquinho, Brancão, não tem porta, nem portão... *Ângulo*, n. 108, p. 36-40, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://www.fatea.br/angulo/pdfs/angulo%20108%20web/folclore.pdf > Acesso em: 15 set. 2007.

ZORDAN, Paola. Bruxa: figuras de poder. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 331-341, maio-agosto, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38113206>. Acesso em: 19 ago. 2008.